

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

JULIANA DEVITTE GRAZIOLA

LAZARILLO DE TORMES: a influência da Igreja

PORTO ALEGRE
2014

JULIANA DEVITTE GRAZIOLA

LAZARILLO DE TORMES: a influência da Igreja

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Ruben Daniel Mendez Castiglioni

PORTO ALEGRE

2014

AGRADECIMENTOS

“Se eu vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes.” (Isaac Newton). Assim me sinto e senti durante toda minha trajetória. Apesar das adversidades encontradas pelo caminho, sempre pude contar com o apoio de pessoas importantes em minha vida. Noites passadas em claro, a falta do colo da mamãe, do carinho do papai, muitas vezes a vontade de deixar as coisas e voltar para perto da família: superar todos esses obstáculos só foi possível com o apoio recebido de vocês. Assim, gostaria de agradecer:

Primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e por renovar minha força a cada dia e me dar o discernimento necessário para lidar com os problemas encontrados ao longo desta jornada.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao seu corpo docente, à direção do curso de Letras, que oportunizaram a janela pela qual hoje vislumbro um horizonte superior.

Aos meus pais, Nédio e Irene, que apesar de terem de lidar com a distância, me apoiaram desde minha saída de Encantado, onde me criei, até os dias de hoje. Meu alicerce e meu bem maior, é em vocês que penso quando aperta o coração, e assim ganho forças para seguir em frente. Agradeço por entenderem minha ausência quando os deveres da faculdade me chamaram, pela confiança em mim depositada, pelos valores a mim passados. Jamais encontrarei palavras para demonstrar o quanto sou grata a vocês por acreditarem em mim quando nem mesmo eu acreditava.

Às minhas irmãs, Sabrina e Cátia, que, junto aos meus pais, acompanharam minha trajetória desde o início, sempre me apoiando e me dando força com palavras de amor, carinho e incentivo.

À minha tia Loive, que, mais que uma tia, foi uma mãe que sempre me acolheu, auxiliou e aconselhou, sendo meu “Caderno”.

À Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida, que me acolheu em um momento importante de minha vida. Aos momentos passados na companhia dos amigos Aline, Rudi, Vando, Sabrina, Chaiane e Diego, os quais levarei pela vida.

Aos amigos, que estiveram ao meu lado em muitos momentos de desespero, de dúvidas e incertezas e que, com carinho e compreensão, mostraram-me o outro lado das situações.

Aos amigos que conquistei ao longo desses seis anos, com os quais dividi a mesma angústia dos prazos apertados, das provas e trabalhos sem fim, e que estão ao meu lado sempre que preciso.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ruben Daniel, pela paciência e pelo tempo a mim dedicados, assim como pela confiança em mim depositada.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, muito obrigada!

RESUMO

Publicada anonimamente, *Lazarillo de Tormes* é considerada a obra precursora do romance picaresco, cuja narrativa se dá em torno de uma crítica à sociedade espanhola de sua época. O objetivo deste trabalho é verificar a presença da Igreja no cotidiano dessa sociedade, tomando por base as ideias do humanista renascentista Erasmo de Rotterdam. Para isso, serão utilizadas as obras *De Pueris – A Civilidade Pueril* e *O Elogio da Loucura*, as quais abordam temas voltados à influência da Igreja na sociedade do século XVI. A primeira defende a necessidade da inserção do indivíduo ao ensino desde a infância, prática não realizada pela Igreja; a última apresenta, entre outras, uma crítica voltada às atitudes dos membros ligados à Igreja, bem como à sua sociedade.

Palavras-chave: *Lazarillo de Tormes*. Erasmismo. Igreja. Literatura Espanhola

RESÚMEN

Publicada anónimamente, *Lazarillo de Tormes* es considerada la obra precursora del romance picaresco, cuya narrativa se construye alrededor de una crítica a la sociedad española de su época. El objetivo del presente trabajo es comprobar la presencia de la Iglesia en el cotidiano de la sociedad, teniendo como base las ideas del humanista renacentista Erasmo de Rotterdam. Para eso, se utilizarán las obras de Pueris – La Civilidad Pueril y el Elogio a la Locura, las cuales abordan temas orientados a la influencia de la iglesia en la sociedad del siglo XVI. La primera defiende la necesidad de inserción del individuo al enseñamiento desde la infancia, práctica no realizada por la Iglesia; y la última, entre otras críticas, presenta una crítica dirigida a las actitudes de los miembros relacionados con la iglesia, así como a su sociedad.

Palabras clave: *Lazarillo de Tormes*, Erasmismo, Iglesia, Literatura Española

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 MOVIMENTO ERASMIANO: a influência do movimento na escrita de <i>Lazarillo de Tormes</i>	9
1.1 AUTORIA	11
2 O ROMANCE PICAresco	14
2.1 ESTRUTURA.....	14
2.2 A IRONIA.....	19
3 LAZARILLO DE TORMES: a presença da Igreja	22
3.1 O CEGO	22
3.2 O CLÉRIGO.....	24
3.3 O FRADE	25
3.4 O BULEIRO.....	27
3.5 O ARCIPRESTE.....	27
4 ERASMO DE ROTTERDAM: a Igreja e sua importância na construção do indivíduo	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

Sendo criada em uma família católica, ainda criança fui inserida na educação religiosa por meio da catequese e, na adolescência, participava de um grupo de jovens da Igreja Matriz da cidade onde nasci. Já na escola, por ela levar o nome de um monsenhor, era costume realizar pelo menos uma oração antes de dar início às aulas e também na hora do lanche. O conhecimento que tínhamos sobre a Igreja como instituição sempre foi limitado. Ao ingressar em um curso pré-vestibular, no entanto, tomei conhecimento da influência e da atuação da Igreja de modo geral. Os professores que ministravam as aulas de história e também as de literatura costumavam abordar este assunto com frequência. Em suas interpelações buscavam sempre desenvolver um debate entre os alunos, com o intuito de apresentar uma visão diferenciada desta instituição, da qual não tínhamos conhecimento.

Como uma das mais antigas instituições religiosas do mundo – cerca de dois mil anos –, a Igreja Católica desenvolveu-se no quadro político-cultural do Império Romano. Com grande influência, não somente religiosa como também moral, social e política, financiou guerras contra aqueles que agiam em oposição a Cristandade, tendo forte presença nas Cruzadas que, junto aos próprios cruzados, mantinham os recursos materiais. Conforme afirma Hilário Franco Jr. (1989), para poder auxiliá-las, os bens dos pequenos nobres eram vendidos, os soberanos criavam tributos, e a Igreja ajudava por meio da arrecadação de donativos.

Este trabalho tem por objetivo mostrar a influência dessa instituição na sociedade espanhola – através dos olhos do escritor de *Lazarillo de Tormes* – no início do século XVI. Em um primeiro momento, procuramos apontar as características que podem ter influenciado seu autor ao produzir uma obra em que são denunciadas a corrupção presente na igreja e os homens que se ligavam a ela em busca de benefícios próprios. Para isso, utilizamos como referência a obra *O Elogio da Loucura*, de Erasmo de Rotterdam, um dos principais representantes do movimento humanista renascentista. Primordialmente um movimento religioso, a influência exercida por Erasmo culminou no movimento erasmista, o qual obteve grande influência de cunho cultural, político e filosófico.

Ainda neste primeiro capítulo, pretendemos abordar as questões da publicação e da autoria de *Lazarillo de Tormes*, utilizando como objeto de estudo as obras *Romance Picaresco*, de Mário González, e *La vida de Lazarillo de Tormes y sus fortunas y adversidades*, de Joseph Ricapito.

No segundo capítulo, discorreremos sobre as características do romance picaresco bem como sobre sua estrutura. Para tanto, utilizaremos as obras *Estudo crítico*, de Mário González, além da própria *Lazarillo de Tormes*. Dessa forma, apresentaremos, por meio de passagens da narrativa autobiográfica de Lázaro, fatores que comprovem que esta obra é a precursora desse gênero literário, o qual, segundo González (1988, p. 11-12), “culmina, assim, o propósito de se derrubar os mitos da heroicidade (...). A partir da ‘desonra’ pessoal, Lázaro se lança a desmistificar uma sociedade baseada no conceito de honra.”

No terceiro capítulo, realizaremos uma explanação sobre a presença dos amos – ligados à Igreja – na vida de Lázaro. Além disso, demonstraremos de que forma eles influenciaram na construção do caráter do pícaro tomando por base passagens que comprovem a corrupção dentro desse meio, conforme afirma Erasmo de Rotterdam (2002).

No quarto e último capítulo, tendo em vista o envolvimento de Erasmo de Rotterdam com a Igreja Católica, pretendemos fundamentar as denúncias realizadas em *Lazarillo de Tormes*, por meio de um estudo sobre as obras *O Elogio da Loucura* e *De Pueris – A Civilidade Pueril*, ambas de sua autoria.

1 MOVIMENTO ERASMIANO: a influência do movimento na escrita de *Lazarillo de Tormes*

Primordialmente de caráter religioso, o movimento humanista renascentista tem como um dos principais representantes o holandês Erasmo Desidério, mais conhecido como Erasmo de Rotterdam (1466-1536). Filho ilegítimo de um padre e educado de acordo com os preceitos religiosos acabou por ordenar-se monge, porém abandonou a carreira pouco tempo depois. Em sua longa trajetória acadêmica, a qual se deu no âmbito teológico e filosófico, aprimorou-se nos pensamentos clássicos, aprofundando seus estudos nos dogmas católicos e nas práticas contraditórias e obsoletas da Igreja Católica.

Uma das principais críticas de Erasmo era dirigida à instituição Igreja e à metodologia controversa de seus membros. A venda de cargos eclesiásticos, o abuso do poder por eles praticado, bem como a omissão em relação aos problemas causados pelas injustiças sociais, levaram Erasmo a buscar uma forma de despertar a espiritualidade dos cristãos, de modo que ela se voltasse ao evangelho e à caridade e que também pudesse renovar o espírito cristão.

Tomando esses conceitos como base, surgiu uma corrente filosófica e ideológica que ficou conhecida como “Erasmismo”, a qual espalhou-se pela Europa na primeira parte do século XVI. Este movimento veio a ter caráter não apenas religioso, mas também cultural, político e filosófico. Culturalmente, teve forte influência na literatura, principalmente no romance picaresco, que teve como precursora a história do pícaro Lázaro de Tormes.

Inicialmente intitulada ***La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades***, acreditamos que esta obra foi escrita sob a influência desse movimento, a julgar pelo comportamento dos personagens que representam a Igreja. Da mesma maneira, a sociedade se apodera dos preceitos religiosos de forma imoral, levando em consideração o individualismo com que vivem e pecando em nome da fé. Nessa obra, podemos citar como exemplos alguns dos amos que passaram pela vida do pícaro: o cego, a quem eram encomendadas orações; o clérigo, a quem cabia o papel de dar a extrema unção; o buleiro, que se dispunha a distribuir a salvação em troca de dinheiro; e o arcipreste, que, por ser membro diretamente ligado à Igreja, deveria ser um exemplo de conduta. Haja vista a

importância desses homens para a formação do caráter de Lázaro e a realidade imoral em que se encontram, percebemos que para sobreviver é necessário agir de forma egoísta por meio de atitudes cruéis e enganosas, a fim de alcançar seu objetivo principal, isto é, o bom porto.

No entanto, acreditamos que esta não seja a única evidência da influência erasmiana na obra. Conforme cita Pedro M. Piñero (1991, p. 164), a obra “[...] pone de manifiesto como la vida de Lázaro, siguiendo los planteamientos del humanista holandés sobre la educación de la infancia, es un ejemplo evidente de educación corruptora.”

Tendo em vista a influência da Igreja não só na cultura e na filosofia, mas também na educação, Erasmo (1995) defendia a importância de um projeto que auxiliasse a construção de caráter do indivíduo desde a sua infância. Como era cristão e tinha um bom relacionamento com membros da Igreja, hospedou-se entre os frades do Colégio Montaigne durante sua estada em Paris, onde continuou e aprofundou seus estudos. Ao deparar-se com o regime austero que predominava no colégio, decidiu buscar sustento para sua filosofia pedagógica ministrando aulas. A partir dessa experiência, iniciou a produção da obra que viria a servir como base para o ensino, a partir de sua publicação.

A data da publicação de *Lazarillo de Tormes*, bem como seu autor, ainda permanecem desconhecidos. Entretanto, no final da obra, Lázaro explica que sua história “fue el mesmo año que nuestro victorioso Emperador en esta insigne ciudad de Toledo entró y tuvo en ella cortes, y se hicieron grandes regocijos, como vuestra merced habrá oído.” (LAZARILLO, 1884, p. 65). Dessa forma, podemos afirmar que há dois momentos históricos que podem indicar a localização temporal da narrativa: a Batalha de Gelves e as Cortes de Toledo, sendo que ambas ocorreram duas vezes. A batalha ocorreu nos anos de 1510 e 1520 e as cortes em 1525 e 1538-39. Segundo Ricapito (1983, p. 17), “el año 1539 se recuerda por el hambre y pestilencia, la muerte de la criatura de la reina, y la reina misma. (...) En 1538, las grandes polémicas acerca del erasmismo se atenúan”. Dessa forma, o mais provável é que seja feita uma alusão ao ano de 1525, quando o movimento erasmiano era muito forte e influente, apresentando uma maior verossimilhança com o retrato da sociedade representada na obra.

1.1 AUTORIA

Ainda que tenha sido publicada várias vezes, a data de sua escrita ainda é uma incógnita. Alguns estudiosos dessa obra afirmam que ela foi escrita no ano de 1525, enquanto outros defendem a hipótese de isso ter ocorrido no ano de 1554. O fato de seu autor ainda ser desconhecido também dificulta a localização temporal da narrativa, bem como a definição de a quais batalhas ele faz referência. As quatro primeiras edições publicadas datam do ano de 1554, em quatro lugares distintos: Medina del Campo, Burgos, Antuérpia e Alcalá de Henares. À vista disso, chegamos a uma questão importante: se foi escrita em 1525, por que levou tanto tempo para ser publicada? Caso isso tenha ocorrido antes de 1554, qual a possibilidade de ter sido lida sem ser percebida? Além disso, o fato de ter sido publicada uma continuação para a história de Lázaro, mesmo que perdendo o sentido inicial da obra, mostra que ela obteve sucesso.

Pelo teor de seu conteúdo e tamanho do impacto causado nos leitores, a obra veio a ser censurada, constando no *Index Librorum Prohibitorum*. Apesar disso, em 1573 foi publicada uma versão censurada da obra “na qual são suprimidos, na íntegra, os tratados IV e V e diversas frases avulsas” (GONZÁLEZ, 1994, p. 90). No entanto, em função da supressão desses tratados, a obra perdeu seu sentido e não alcançou o mesmo êxito; somente no ano de 1834, após o fim da Inquisição, voltou a ser publicada na íntegra.

Apesar de suas diversas publicações e por não existirem traços linguísticos nem estruturais que aproxime as variadas edições dessa obra, supõe-se que existiu uma obra anterior, considerada a *princeps*, que serviu de modelo para as edições de Alcalá e Medina, as primeiras publicações de que se tem conhecimento. Isso se dá porque nestas edições constam as respectivas datas de suas publicações, sendo a primeira em 26 de fevereiro de 1554 e a segunda em 1º de março do mesmo ano. Por meio destas datas, acredita-se que a edição de Alcalá foi a primeira, seguida da de Medina, o que leva a crer que, se de fato existiu uma escrita anterior, a de Alcalá seria a que mais se aproximaria da *princeps*. Entretanto, no ano de 1992 com a descoberta de uma pequena biblioteca escondida sob uma parede falsa em um sótão de uma casa em reforma, localizada no povoado de Barcarrota, surgiu uma nova hipótese sobre as publicações dessa obra. . A biblioteca era composta por

onze títulos bem conservados datados do século XVI, inclusive “uma edição de *Lazarillo de Tormes* realizada em Medina del Campo (em 1554, assim como as outras três mais antigas até hoje conhecidas) e de cuja existência não se tinha notícia até então” (GONZÁLEZ, 2005, p. 8). Isso levou os teóricos a desconsiderarem a hipótese acima, definindo, então, a edição de Medina como a que mais se aproxima da *princeps*.

Partindo dessa hipótese, Francisco Rico (1988) afirma que a obra inicial foi escrita de forma corrida e que os tratados foram acrescentados pelo seu primeiro editor. Tal fato levou alguns críticos a defenderem a tese de que o livro pode ser considerado incompleto, uma vez que os capítulos foram construídos de forma aleatória, sem manter um padrão nem de linhas, nem de parágrafos. No entanto, ao realizar uma leitura da obra sem esses tratados, pode-se perceber uma continuidade sintática, visível, principalmente, entre o final do terceiro tratado e o começo do quarto.

[...] Así, como he contado, me deixo mi pobre tercero amo, do acabe de conocer mi ruin dicha, pues, señalándose todo lo que podría contra mí, hacia mis negocios tan al revés, que los amos, que suelen ser dejados de los mozos, en mí no fuese así, más que mi amo me dejase y huyese de mí. Hube de buscar el cuarto, y este fue un fraile de la Merced, que las mujercillas que digo me encaminaron, al cual ellas le llamaban pariente: gran enemigo del coro y de comer en el convento, perdido por andar fuera, amicísimo de negocios seculares y visitar, tanto que pienso que rompía él más zapatos que todo el convento. [...] (LAZARILLO, 1884, p. 55 - 56)

Ao encontro dessa questão, outro mistério que envolve esse romance é o nome do autor. Muitos são os nomes aos quais a autoria é atribuída; entre eles, encontram-se o Frei Juan de Ortega e Diego Hurtado de Mendoza. A este último a autoria foi atribuída em 1607 por um bibliógrafo flamenco e “reiterada em 1608 por André Schott em sua *Hispaniae Bibliotheca* e tem sido a mais aceita por aqueles que desejavam encontrar, a qualquer preço, o nome de um autor para o *Lazarillo de Tormes*.” (GONZÁLEZ. 2005. p. 192) González afirma ainda que “[...] até a primeira ‘tradução’ brasileira do *Lazarillo de Tormes* ao português – na verdade uma adaptação realizada em 1939 por Antônio Lages, no Rio de Janeiro – a obra é atribuída ao mencionado autor.” (GONZÁLEZ. 2005. p. 192) Ainda acerca da questão da autoria, dada a ideologia apresentada na narrativa, faz-se ainda maior a probabilidade de ter sido escrita por um erasmiano.

Por outro lado, o fato de nos depararmos com uma incógnita no que diz respeito à autoria levou os leitores, conforme afirma Francisco Rico (1982), a interpretarem a obra como sendo contada pelo próprio Lázaro, uma obra autobiográfica. Assim, a existência do nome do verdadeiro autor na capa acabaria por tirar o sentido da obra, uma vez que uma narrativa em primeira pessoa sendo contada por um terceiro poderia ser de difícil compreensão para os leitores da época, bem como a distinção entre o autor e o personagem.

Haja vista a aparição de um romance narrado em primeira pessoa, no qual o enredo e a estrutura são contrastantes com o romance de cavalaria – movimento literário predominante no início do século XVI – e cujo autor é desconhecido, essa pequena obra veio para abalar a sociedade com suas críticas, bem como fundar um novo estilo literário, o chamado romance picaresco. Ademais, apesar de ter sido escrito há pelo menos quatro séculos, muitas de suas críticas se fazem presentes na sociedade atual.

2 O ROMANCE PICAresco

2.1 ESTRUTURA

Esse gênero literário surgiu na Espanha no século XVI e, durante os séculos XVII e XVIII, difundiu-se pela Europa, servindo de grande influência para as literaturas subsequentes. Através das leituras realizadas, podemos afirmar que o romance picaresco é marcado inicialmente pela presença do narrador protagonista, que busca contar sua história de aventuras e desventuras. Proveniente de uma família de pais “sem honra”, o pícaro se vê obrigado a abandonar seu lar devido à sua pobreza. Assim, ele passa boa parte de sua vida servindo a senhores, aos quais chama de amos, e relata as adversidades encontradas em sua trajetória, experiências que contribuem para a formação de seu caráter.

Contrariando as novelas de cavalaria em que a narrativa se dá em torno de acontecimentos históricos e fantásticos, e dos perigos e aventuras enfrentados por um personagem corajoso, de espírito cavalheiresco – o dito herói –, que exalta suas virtudes assim como exalta a sociedade e a abordagem dos valores morais comuns, a picaresca traz a história de um jovem de classe baixa, que passa a vida trapaceando e roubando, ora para sobreviver, ora pelo vício. Dessa forma, a função autobiográfica da obra se dá no âmbito de uma crítica social e, por ser projetado por meio de um personagem fictício, o narrador encontrará liberdade para expor suas ideias.

Na época do aparecimento desse gênero literário, segundo Mário González (2005, p. 200), o pícaro “(...) serviria, em espanhol, para designar rapazes que ajudavam nas cozinhas. Estendeu-se, depois, a todo tipo de desocupado ou subempregado que, sobrevivendo pela astúcia, atinge facilmente a delinquência.” O pícaro normalmente vive à margem dos códigos de honra, os quais são próprios das classes altas da sociedade de sua época, e tem como seu maior bem a liberdade. Porém, essa liberdade está condicionada pela sua ascendência, relatada ao leitor para que este compreenda sua norma de vida determinada, em parte, por suas coordenadas existenciais.

O desejo de ascender socialmente é o principal objetivo desse personagem. No entanto, ele não tem a intenção de trabalhar, visto que, durante o século XVI,

não precisar trabalhar para viver era requisito necessário para a obtenção do título de nobreza.

À vista disso, encontraremos no pícaro um personagem que, preocupado em ascender socialmente, acabará por valorizar antes o “parecer” do que o “ser”, deixando de lado os princípios antes defendidos pelos heróis das novelas de cavalaria. Podemos, então, definir o pícaro como sendo um anti-herói, pois privilegia a individualidade em detrimento do todo.

Dessa forma, o caminho mais próximo para alcançar seus objetivos se dará com muita astúcia por meio de trapaças, roubos e artimanhas engenhosas. Muitas dessas ações ocorrerão durante sua convivência com os vários senhores a quem servirá, e com os quais aprenderá muitos dos truques a serem aplicados.

Nesse contexto, *Lazarillo de Tormes*, considerado um marco para a literatura universal por ser apontado como o primeiro romance picaresco, foi definido por Mário Gonzáles como:

[...] a pseudo-autobiografia de um anti-herói que aparece definido como marginal à sociedade; a narração das suas aventuras é a síntese crítica do processo de tentativa de ascensão social pela trapaça; e nessa narração é traçada uma sátira da sociedade contemporânea do pícaro. (GONZÁLEZ, 1988, p. 42)

Como base da picaresca, encontra-se em sua estrutura um relato das aventuras vividas por Lázaro sob a perspectiva única do protagonista, não havendo assim nada que impeça sua continuidade. No decorrer da obra, Lázaro faz um relato de algumas das aventuras vividas com seus amos e, apesar de serem muitas, claramente percebemos que não se resumiram às narradas na obra, como nos mostra a seguinte passagem: “Y porque vea vuestra merced a quanto se extendía el ingenio deste astuto ciego, contare un caso de muchos que con él me acaecieron, en el cual me parece dio bien a entender su gran astucia.” (LAZARILLO, 1884, p. 18)

Outro elemento constante na picaresca é a corrente satírica que se faz presente em sua narrativa. O narrador protagonista peregrinará entre as distintas camadas sociais prestando serviços como criado, tendo assim a possibilidade de conhecer intimamente os acontecimentos na vida de seus donos. Ao discorrer sobre sua relação com seus amos – ou donos –, Lázaro deixa transparecer, por meio de suas próprias atitudes, uma denúncia sobre uma sociedade regida pelas aparências. Um exemplo disso pode ser encontrado na figura do Escudeiro, que, embora tivesse

uma boa aparência, vivia em uma casa alugada, com poucos móveis e passava fome.

No entanto, a denúncia não é feita com o intuito de criticar nem tampouco de revolucionar essa mesma sociedade. Seu objetivo é atingir certa elevação social, independentemente de sofrer com degradação moral, pois o pícaro compreende que essa é a posição que lhe permitirá viver de forma confortável.

Suas atitudes enquanto criado demonstram os males de uma sociedade em que impera a cobiça e a avareza, em detrimento das necessidades encontradas nas camadas mais baixas. Por pertencer a essa sociedade, o pícaro, diferentemente de um personagem das novelas de cavalaria, pensa e age de forma individualista, sem considerar as consequências de suas atitudes. Em função da necessidade de (sobre)viver em uma sociedade regida pela presença do “parecer” em detrimento do “ser”, o pícaro se vê obrigado a agir dessa forma.

Além da presença do narrador em primeira pessoa, o pícaro aparece na novela em uma dupla perspectiva: ao mesmo tempo em que é o autor (narrador) da própria história, também é ator (protagonista), e narra os fatos com um olhar do presente voltado para um passado não muito distante. Assim, deparamo-nos pela primeira vez na literatura com um narrador-protagonista. Tal situação leva o leitor a compreender o que está sendo narrado através de um ângulo único e centralizado, o que dá espaço para que ocorram mudanças no decorrer da narração, além de manter grande aproximação aos fatos.

No entanto, por haver essa abertura para mudanças, o leitor tende a ter uma maior percepção dos fatos narrados, os quais o próprio narrador-protagonista não percebe, ou melhor, não quer perceber. Exemplo disso pode ser encontrado no último tratado, quando o protagonista narra sua relação com o Arcipreste de San Salvador e sua criada, com a qual veio a se casar. Esse assunto será desenvolvido no próximo capítulo do presente trabalho.

A narrativa costuma abordar temas distintos dos que costumavam abordar as novelas de cavalaria, nas quais há exaltação aos feitos dos “governantes”. Contrariamente a isso, em *Lazarillo de Tormes* o autor retrata em seus personagens a miséria, a hipocrisia da sociedade e a pobreza de espírito do povo espanhol do início do século XVI. A presença de personagens ligados à Igreja agindo de forma contrária ao que era propagado mostra a avareza, a manipulação e as mentiras

encontradas na sociedade dessa época, mas que não eram mencionadas por ninguém, além da presença dominante de personagens da classe baixa.

Fator essencial para a formação da picaresca, a descrição do percurso de aventuras vividas pelo protagonista, bem como a ambientação da história, ocorre em lugares conhecidos do povo leitor. Além disso, é um excelente meio para denunciar os problemas sociais com os quais ele se depara em sua trajetória. Lázaro começa sua narrativa descrevendo o seu nascimento, o qual se deu no Rio Tormes; passa por sua estadia em Salamanca, onde ficou com sua mãe após a morte de seu pai; narra sua passagem por Toledo, onde esteve com seu primeiro amo, o cego; segue para Escalona, onde deixa o cego após vingar-se dele; foge, então, para Torrijos; segue para Maqueda, onde conhecerá seu novo amo, um clérigo, com quem ficará até o momento em que sua trapaça com a arca é descoberta (LAZARILLO, 1884, p. 35); precisando então encontrar um novo lar, conhece um escudeiro a quem servirá na cidade de Toledo; e, apesar de peregrinar por diversos povoados após ser abandonado por ele, termina sua narrativa na cidade de Toledo, onde se torna funcionário público.

Por sua necessidade de movimento – típica do pícaro –, como pudemos perceber acima, Lázaro passou por diversos povoados, hospedando-se em distintos lugares. No entanto, não encontramos em sua narrativa uma descrição pormenorizada desses lugares, fato que não nos auxilia a descobrir o tempo da narrativa. A esses lugares por onde passa, Lázaro faz referência definindo-os como “pensões” ou “estalagens”, com exceção da casa do Escudeiro, sobre a qual ele apresenta uma descrição mais detalhada, descrevendo que o local apresenta “la entrada oscura y lóbrega de tal manera que parece que ponía temor a los que en ella entraban, aunque dentro della estaba un patio pequeño y razonables cámaras.” (LAZARILLO, 1884, p. 37 - 38) Nascido em uma família de pais “sem honra”, Lázaro foi criado por sua mãe após a morte de seu pai e a prisão de seu padrasto. Ao mudar-se com sua mãe para a cidade de Salamanca, passou a auxiliar nos serviços da hospedagem onde ela trabalhava. Embora ainda criança, quando Lázaro se fez um “buen mozuelo, que iba a los huéspedes por vino y candelas y por lo demás que me mandaban.” (LAZARILLO, 1884, p. 13), hospedou-se nesse lugar um velho cego, que veio a ser o primeiro amo de Lázaro. Não podemos afirmar quanto tempo ele passou ao seu lado nem mesmo sua idade, mas podemos dizer, por meio das inúmeras situações descritas, que foi com quem passou mais tempo, em função da

narrativa das inúmeras aventuras. Tendo abandonado o cego ainda criança, fugiu para o povoado de Maqueda, onde viveu de esmolas até conhecer um Clérigo, pelo qual foi recebido. Ao lado deste passou pouco tempo – cerca de seis meses – conforme a passagem onde ele confessa passar fome, sendo bem alimentado somente em situações de morte, razão pela qual “deseaba y aún rogaba a Dios que cada día matase el suyo.” (LAZARILLO, 1884, p. 26) Porém, tão desafortunado era que “en todo el tiempo que allí estuve, que seria cuasi seis meses, solas veinte personas fallecieron.” (LAZARILLO, 1884, p. 27). Na companhia do terceiro amo, o Escudeiro, podemos inferir o período de dois meses, tendo em vista o momento em que Lázaro presencia a cobrança do aluguel e se espanta ao escutar que o valor que “en dos meses le alcanzaron lo que él en un ano no alcanzara”. (LAZARILLO, 1884, p. 53)

Após o escudeiro, Lázaro foi admitido por um frade, com quem ficou por um curto período, e ao qual abandonou por não conseguir acompanhá-lo. Abandonando o frade, passou cerca de quatro meses ao lado de buleiro, com o qual também enfrentou situações difíceis. Embora tenha sido admitido por um mestre de pintar pandeiros, este aparece apenas como uma citação antes de chegar ao capelão, o amo que não o recebeu como criado, mas sim como um empregado. Lázaro trabalhou para ele durante quatro anos, conduzindo um burro carregado com barris de água, para vender nos vilarejos próximos. Assim, como o próprio explica, trabalhava toda a semana e:

[...] con poner en la ganancia buen recaudo, ahorre para me vestir muy honradamente de la ropa vieja, de la cual compre un jubón de fustán viejo y un sayo raído de manga tranzada y puerta, y una capa que había sido frisada, y una espada de las viejas primeras de Cuéllar.” (LAZARILLO, 1884 p. 62).

Assentou-se, então, com um oficial de justiça, mas por pouco tempo, pois o ofício lhe pareceu perigoso. Por fim, tornou-se um Pregoeiro Real, profissão que ainda exercia quando da escrita da carta.

Por não sabermos com precisão a idade de Lázaro quando foi cedido por sua mãe, nem tampouco quanto tempo esteve à mercê de seus amos, não podemos definir o período em que ele viveu tais situações. No entanto, definida por Cláudio Guillén (1975) como sendo uma epístola falada, o melhor foco narrativo para a obra é o de caráter autobiográfico. Como o narrador é em primeira pessoa, “já não

estaremos perante a reiteração de um estereótipo narrativo que não pode sofrer variações, como era o caso dos heróis dos livros de cavalaria.” (GONZÁLEZ, 2005 p. 197). Dessa forma, com o distanciamento cronológico que se faz presente na narrativa, Lázaro evoca apenas os feitos que lhe parecem importantes aos olhos do leitor e os traz da maneira que acredita ser a melhor, sem, no entanto, poder ser imparcial, pois está falando de si mesmo. Entretanto, como o próprio autor afirma em seu prólogo, “podría ser que alguno que las lea halle algo que le agrada, y a los que no ahondaren tanto los deleite” (LAZARILLO, 1884, p. 9). Tal afirmação dá abertura para que o leitor perceba e compreenda fatos que o próprio Lázaro não percebe – ou não quer fazê-lo. Dessa forma, podemos perceber certa hipocrisia por parte do protagonista, haja vista a crítica que realiza à atitude de seu irmão quando da chegada do pai “¡Cuantos debe de haber en el mundo que huyen de otros porque no se ven a sí mismos!” (LAZARILLO, 1884, p. 12).

2.2 A IRONIA

Apesar do ensejo de Lázaro em narrar sua conquista de ascender socialmente, no contato com a obra o leitor percebe a degradação moral que ele se dispõe a aceitar para alcançar o almejado bom porto. Entretanto, para o leitor atento à história, Lázaro realiza uma crítica a uma sociedade individualista que se permite corromper – principalmente aos que têm alguma ligação com a Igreja –, sem, no entanto, perceber que tal crítica se estende a ele.

Movida por uma corrente satírica, a narrativa conta com passagens de humor e muita ironia. A forma como Lázaro expõe sua trajetória é repleta de ironias – percebidas pelo leitor que se atém à obra – que aparecem sob múltiplos ângulos, sendo os principais a ironia dos amos e do próprio protagonista.

Voltando-se especialmente ao cego, ao clérigo e ao escudeiro, a ironia se faz presente nas atitudes destes para com Lázaro. Em relação ao primeiro, entre tantas passagens, a que melhor ilustra essa afirmação se dá quando o cego descobre a trapaça de seu criado com o jarro de vinho.

(..) sintió el desesperado ciego que agora tenía tiempo de tomar de mi venganza y con toda su fuerza, alzando con dos manos aquel dulce y amargo jarro, le dejo caer sobre mi boca (...) Lavome con vino las roturas que con los pedazos del jarro me había hecho, y sonriendose decía: "¿Qué

te parece, Lázaro? Lo que te enfermo te sana y da salud." (LAZARILLO, 1884, p. 18)

Já na companhia do clérigo, encontramos a ironia também ligada à (não) alimentação de Lázaro. Sendo comum que aos sábados os cidadãos de Maqueda comessem cabeça de carneiro, o clérigo, após se fartar e deixar Lázaro observando, serve-lhe os ossos em um prato, dizendo-lhe: "Toma, come, triunfa, que para ti es el mundo. Mejor vida tienes que el Papa." (LAZARILLO, 1884, p. 26) Vale frisar que, em ambos os casos, os que o maltratam são indivíduos ligados à Igreja. Ora, não são eles que pregam a divisão do pão?

Sabe-se que, quando foi convidado a servir o escudeiro, Lázaro acreditou ter começado a melhorar sua condição, em função da maneira como se deu o convite, "[...] Pues vente tras mí - me respondió - que Dios te ha hecho merced en topar conmigo. Alguna buena oración rezaste hoy." (LAZARILLO, 1884, p. 37) A boa aparência de seu novo amo, no entanto, não condizia com sua real situação. A seu lado, o pícaro seguiu passando fome; por muitas vezes, inclusive, foi ele quem alimentou seu senhor. Além da ironia, faz-se presente nessa passagem a crítica à sociedade que valoriza o "parecer" em detrimento do "ser". Embora aparentasse ter condições melhores de vida, o escudeiro não as tinha, tampouco era um indivíduo da alta sociedade. A ironia do protagonista é normalmente voltada a ele mesmo ou a situações nas quais se envolveu.

Dentre tantos exemplos, podemos citar o momento em que o cego pede permissão para tomar Lázaro como seu criado e, ao entregá-lo ao cego, a mãe explica: "como era hijo de un buen hombre, el cual por ensalzar la fe había muerto en la de los Gelves." (LAZARILLO, 1884, p. 13) Ora, o leitor sabe que seu pai não fora um homem de honra, que após ser preso fora mandado à guerra. Tal qual é a ironia aqui? Outro momento em que a ironia se apresenta é quando o escudeiro aconselha Lázaro a comer pouco, pois isso asseguraria sua longevidade. Considerando-se a quantidade de vezes que Lázaro passou fome, seja ao lado do cego ou do clérigo, este somente pensou: "Si por esa vía es - dije entre mí-, nunca yo moriré, que siempre he guardado esa regla por fuerza, y aun espero en mi desdicha tenella toda mi vida." (LAZARILLO, 1884, p. 41). Apesar de estar passando por mais uma situação difícil, Lázaro consegue fazer graça de sua desgraça.

Além dessas situações irônicas, podemos afirmar que a que mais se sobressai vem a ser a situação de Lázaro ao final da narrativa: um funcionário

público que acredita ter alcançado o bom porto. No entanto, vive uma situação degradante por tolerar as levandades de sua mulher. Vale lembrar que, no primeiro tratado, o próprio protagonista critica quem não enxerga a si mesmo ou o mundo que o cerca. A partir do momento em que inicia sua inserção na sociedade, acaba perdendo sua inocência pueril e se vê obrigado a ceder aos vícios desta, muitas vezes para poder sobreviver.

Considerando-se que uma das características do pícaro é a individualidade, Lázaro não é diferente e, por apresentar também conceitos deturpados de virtude e honra, é tido como um anti-herói. No entanto, apesar desse individualismo, durante sua estadia com o escudeiro, ao familiarizar-se com a real situação de seu amo, o protagonista se compadece, chegando em alguns momentos a ficar sem comer para ceder seu alimento ao amo. Porém, somente se compadecia, pois ele enfrentava tal situação a cada dia que passava. Embora tenha demonstrado preocupação com o próximo, vale deixar claro que isso ocorreu somente neste episódio.

Por sua criação e o núcleo familiar ao qual pertence, não é de surpreender que Lázaro tenha se tornado individualista, afinal as três pessoas responsáveis pelos primeiros ensinamentos – Antônia Perez, a mãe; Tomé González, o pai; e Zaide, o padrasto – são ladrões. Apresentando conceitos deturpados do que é ser bom e o que é ter honra, eles acabam por mostrar ao pícaro que este deve ser egoísta e priorizar sempre o próprio interesse. Ora, como poderia ser diferente se em sua infância (sobre)viveu graças a isso? Dessa forma, Lázaro encontra fundamento para seguir o conselho de sua mãe: “Valete por ti.” (LAZARILLO, 1884, p. 13). Embora tenhamos conhecimento desse fato, Lázaro tem sua confirmação após ser entregue ao cego e enfrentar algumas adversidades.

3 LAZARILLO DE TORMES: a presença da Igreja

Como já é sabido, o primeiro romance picaresco foi escrito sob a influência do movimento erasmiano, o que pode ser comprovado pela forte crítica à Igreja presente na obra. A presença de amos na vida de Lázaro se faz necessária, pois são eles que auxiliam na formação de seu caráter. Sua influência pode ser percebida no decorrer da narrativa, que vai moldando as atitudes de Lázaro conforme a situação em que ele se encontra.

Embora tenha tido muitos amos, os que se mostraram mais corruptos foram aqueles que, de alguma forma, estavam ligados à Igreja – cego, clérigo, frade, buleiro e, por fim, o arcipreste. Haja vista a posição ocupada por estes, espera-se que (re)produzam ações gloriosas. No entanto, no decorrer da narrativa, podemos perceber que são, em sua grande maioria, egoístas e de caráter duvidoso.

3.1 O CEGO

Primeiro amo a figurar na trajetória do pícaro, o cego foi a pessoa responsável por inseri-lo na arte da astúcia, o que o ajudaria a sobreviver às adversidades com as quais se depararia no decorrer de seu percurso. O amo, um “velho cego”, conforme a descrição do pícaro, tirava proveito principalmente de mulheres, mendigando e fazendo uso da fé em causa própria. Ele era um homem astuto que:

Decía saber oraciones para muchos y diversos efectos: para mujeres que no parían, para las que estaban de parto, para las que eran malcasadas, que sus maridos las quisiesen bien; echaba pronósticos a las preñadas, si traía hijo o hija. Pues en caso de medicina, decía que Galeno no supo la mitad que él para muela, desmayos, males de madre. (LAZARILLO, 1884, p. 15)

Dessa forma, ao tomar Lázaro como criado, o cego passou a transmitir-lhe seu conhecimento e experiência de mundo, o que na maioria das vezes era feito de forma impetuosa, fazendo-o perder sua ingenuidade pueril. Uma situação na qual podemos perceber essa atitude se dá já na saída de Salamanca, quando, ao cruzarem com uma escultura de pedra que lembrava a imagem de um touro, o cego pediu para que Lázaro se aproximasse desta e escutasse o ruído que dela saía.

Nesse momento, após ver o pícaro obedecê-lo, o velho empurrou-lhe a cabeça contra a pedra para, em seguida, dizer-lhe: “Necio, aprende que el mozo del ciego un punto ha de saber más que el diablo” (LAZARILLO, 1884, p. 14). Esse momento serviu para despertar o pícaro da simplicidade em que vivia.

Devido a sua posição, por realizar trabalhos voltados à fé e à Igreja, esperase que seja um homem preocupado em ajudar aos mais necessitados. No entanto, no decorrer da narrativa podemos perceber que ambição e mesquinhez são as principais características deste “membro de Deus”. Além do episódio descrito acima, o cego fez com que Lázaro enfrentasse outras situações desagradáveis, deixando-o muitas vezes a passar fome. Isso fez com que este começasse a trapacear, passando o amo para trás, por vezes tendo êxito, outras nem tanto.

Nas ocasiões em que descobriu as trapaças de seu criado, em um primeiro momento o cego, dotado de muita sagacidade, manteve-se calado para então agir quando Lázaro menos esperava, chegando até mesmo à agressão física. Podemos asseverar esta afirmação através do excerto abaixo.

Tantas vueltas y tiento dio al jarro, que hallo la fuente y cayo en la burla; mas así lo disimulo como si no lo hubiera sentido, y luego otro día, teniendo yo rezumando mi jarro como solía, no pensando en el daño que me estaba aparejado ni que el mal ciego me sentía, senteme como solía, estando recibiendo aquellos dulces tragos, mi cara puesta hacia el cielo, un poco cerrados los ojos por mejor gustar el sabroso licor, sintió el desesperado ciego que agora tenía tiempo de tomar de mi venganza y con toda su fuerza, alzando con dos manos aquel dulce y amargo jarro, le dejo caer sobre mi boca, ayudándose, como digo, con todo su poder, de manera que el pobre Lázaro, que de nada desto se guardaba, antes, como otras veces, estaba descuidado y gozoso, verdaderamente me pareció que el cielo, con todo lo que en él hay, me había caído encima. Fue tal el golpecillo, que me desatino y saco de sentido, y el jarrazo tan grande, que los pedazos del se me metieron por la cara, rompiéndomela por muchas partes, y me quebró los dientes, sin los cuales hasta hoy día me quede.” (LAZARILLO, 1884, p. 17)

Podemos perceber que o cego agiu de forma premeditada. Sabendo que seu criado o estava trapaceando, decidiu dar-lhe um castigo, deixando-o muito ferido. Haja vista a importância de ser bem visto pelas pessoas que o cercam, o astuto cego contou sua versão do ocorrido, tornando seu criado um pecador e ele um bom homem, que não só perdoou o mau comportamento, como também cuidou de seus ferimentos. Ora, sendo ele um representante da palavra divina, não deveria buscar educar seu criado, mostrando-lhe o quão errado era enganar ao seu semelhante, em vez de maltratá-lo? A julgar pelo seu caráter, podemos afirmar que tal atitude é

impensável, afinal foi ele o responsável por iniciar Lázaro em uma vida de mentiras, trapanças e vingança. Dessa forma, pela avareza e mesquinhez de seu amo, Lázaro não vê outra saída para poder se alimentar a não ser trapacear.

Embora tenha sido de grande importância para a criação de Lázaro, dada a falta de uma figura masculina de valor em sua vida, o pícaro se vê cansado dos maus tratos recebidos por seu amo e decide se vingar, enganando-o para em seguida abandoná-lo e fugir.

3.2 O CLÉRIGO

Tamanha era a desventura de sua vida, após abandonar o cego, que Lázaro veio a servir a um clérigo. Ainda mais avarento que o amo anterior, apesar de pregar a Palavra de Deus instruindo sobre a importância de compadecer-se perante o próximo, o clérigo deixou Lázaro passar fome por muitas vezes, levando-o quase à morte, ao passo que ele se alimentava muito bem, comendo carne todos os dias e deixando ao criado apenas os ossos para roer. Ironicamente, este pregava que um sacerdote deveria saber se conter e ser comedido na hora de se alimentar.

Deparamo-nos novamente com um homem que fazia uso da fé em causa própria. A diferença entre o cego e o clérigo se dá no ofício a eles atribuído. Enquanto aquele fazia orações para que as pessoas alcançassem as graças desejadas em troca de dinheiro, este era chamado para abençoar os enfermos e, quando vinham a falecer, muito bem se alimentava. Nessas ocasiões, Lázaro aproveitava para se alimentar também. Seu amo, além de alimentar-se bem, armazenava pães e outros alimentos servidos e levava-os para casa, onde os resguardava em um baú fechado com chave, à qual só ele tinha acesso.

Utilizando-se da manha e da astúcia aprendidas no tempo em que esteve servindo ao cego, Lázaro descobriu uma forma de abrir o baú do clérigo e se alimentar, não da forma que necessitava, mas o suficiente para que não viesse a padecer. Enquanto o amo não tomou conhecimento do que se passava, o pícaro seguiu tirando pães inicialmente inteiros do baú; porém, com a desconfiança do clérigo de que estavam sumindo pães, passou a comê-los em migalhas, deixando pequenos buracos neles. A avareza desse amo o cegou perante a realidade, levando-o a acreditar que ratos invadiram sua casa e estavam a comer seus pães. Ele os deu a Lázaro, dizendo-lhe que comesse, “que el ratón cosa limpia es”

(LAZARILLO, 1884, p. 30). Ora, quanto amor ao próximo o clérigo demonstra com essa atitude? Não é ele um homem preocupado com o bem estar daquele que o auxilia? Contrariamente às suas pregações, o clérigo pensava somente em seu próprio bem estar.

Não demorou muito tempo e o clérigo descobriu as trapaças de seu criado. Embora isso tenha acontecido por motivos distintos, Lázaro foi agredido por seu amo. Cego por sua avareza, o clérigo continuou a buscar um responsável pelo desaparecimento de seus pães. Tendo sido invalidada a hipótese de haver um rato em sua casa, pois o queijo sumia da ratoeira, mas ela não capturava nada, passou a acreditar na presença de uma cobra, que se encontraria na cama do pícaro. No entanto, ao acertá-lo com a pá, descobriu que era Lázaro quem o vinha furtando.

Contrariamente ao cego, ele não tinha conhecimento das trapaças de Lázaro quando o feriu. Entretanto, da mesma forma que o amo anterior, tratou o ferimento que deixou na cabeça do criado até que se encontrasse curado e o mandou embora. Tão preocupado com sua aparência perante os demais, para cada vizinho que aparecia em sua casa ele descrevia as trapaças do criado, sem no entanto explicá-lhes que este assim o havia feito para não morrer de fome.

Podemos perceber nestes dois amos, portanto, o quão valorizada era a aparência. Em ambas as situações, os amos maltratavam o criado, deixando-o passar fome até quase não suportar mais o peso do próprio corpo. A avareza e a mesquinhez levaram Lázaro a furtar para que se mantivesse vivo e, ironicamente, o furto quase o levou à morte nas duas vezes.

3.3 O FRADE

Após peregrinar e servir a um escudeiro, um fidalgo que havia perdido tudo, Lázaro se juntou a um frade. Embora tenha passado pouco tempo ao seu lado, este foi intenso.

Hube de buscar el cuarto, y este fue un fraile de la Merced, que las mujercillas que digo me encaminaron, al cual ellas le llamaban pariente: gran enemigo del coro y de comer en el convento, perdido por andar fuera, amicísimo de negocios seglares y visitar, tanto que pienso que rompía él mas zapatos que todo el convento. Este me dio los primeros zapatos que rompí en mi vida, mas no me duraron ocho días, ni yo pude con su trote durar más. Y por esto y por otras cosillas que no digo, salí del.. (LAZARILLO, 1884, p. 56)

Ao optar por utilizar a expressão “*romper zapatos*” o autor nos deixou frente a um dilema. Tal fato levou os críticos a interpretarem esta situação sob dois pontos de vista distintos: o primeiro defende a ideia de uma interpretação relativamente literal, pois acreditavam que Lázaro recebeu os sapatos como pagamento de seus serviços e os gastou rapidamente graças à sua função que consistia em acompanhar o frenético trote do frade ao redor da cidade (PEDROSA, 2013, p. 72). Por outro lado, o segundo afirma que a narrativa deste episódio contém alusões a relações homossexuais (PEDROSA, 2013, p. 72). Segundo Marcel Bataillon (1954) a forma com que foi finalizada a narrativa deste tratado dá ao leitor a liberdade de interpretar a relação do frade com seu criado da pior maneira.

Ademais, José Manuel Pedrosa em “*Los Zapatos Rotos Del Lazarillo De Tormes*” afirma que da mesma forma que a expressão supracitada, o termo “*trote*”

[...] eran expresiones marcadas por un simbolismo sexual muy subido, que el autor, el personaje y el lector no podían dejar de tener muy presente, y más en el marco de un relato protagonizado por un fraile desenvuelto y andariego. (PEDROSA, 2013, p. 74)

Apesar de termos conhecimento do significado destas expressões, o fato de realizarmos a leitura desta obra muitos séculos depois não nos deixa em condições de definirmos se as relações sexuais aludidas na obra foram mantidas com o frade ou com as “*mujercillas*” através das quais conheceu este amo. Segundo afirma Pedrosa (2013, p. 74), contrariamente a isso, um leitor do século XVI que se encontrasse minimamente informado sobre o cotidiano e costumes daquela sociedade, estaria mais apto a deduzir como e com quem o protagonista “*romperia sus zapatos*”.

Dessa forma, é possível afirmar que no século em que *Lazarillo de Tormes* foi escrito a pedofilia cometida por integrantes do clero poderia ser uma situação recorrente. Por essa razão, o leitor desta obra talvez não necessitasse de maiores informações para compreender o que o autor tenha dado a entender nesse tratado (PEDROSA, 2013, p.75). Além disso, Pedrosa afirma que, possivelmente, estas situações além de costumeiras, se mantiveram impunes, deixando assim, marcado pela vergonha e desonra a vítima, e não o agressor.

Dito isto, podemos compreender que este sentimento de vergonha ante a agressão possa ser interpretada como uma explicação sólida para o abandono de Lázaro ao então amo, o Frade.

3.4 O BULEIRO

Fraudulenta também é a conduta do buleiro, com quem Lázaro permanece por quatro meses após abandonar o frade. Da mesma forma que o cego e o clérigo, este fazia uso da fé em causa própria, bem como enganava pela aparência.

Definido por Lázaro como sendo o amo mais esperto de todos, abusando de sua astúcia e teatralidade, enganava as pessoas aplicando golpes junto a um aguacil, para que elas acreditassem na existência de milagres. Para tanto, e por ser funcionário eclesiástico, ensina a Lázaro o poder da adulação, presenteando clérigos e padres. Dessa forma, “[...] procuraba tenerlos propicios porque favoreciesen su negocio y llamasen sus feligreses a tomar la bula. Ofreciéndosele a él las gracias, informábase de la suficiencia dellos.” (LAZARILLO, 1884, p. 56)

Dessa forma, o fato de subornar os membros da Igreja deixa clara a influência desta no cotidiano da sociedade do século XVI. Por confiarem nos padres, clérigos, frades e nos demais representantes da palavra divina, aceitavam a importância de receber a bula, bem como pagar por ela.

3.5 O ARCIPRESTE

Para finalizar, em seu último tratado Lázaro discorre sobre a sua relação com o arcipreste de San Salvador, o qual oferece favores ao pícaro em troca da tolerância de arrumar matrimônio com sua criada. Confiante da boa vontade deste, o próprio Lázaro afirma: “visto por mí que de tal persona no podía venir sino bien y favor, acorde de lo hacer” (LAZARILLO, 1884, p. 63 - 64). Tendo em vista sua ligação com a Igreja, a vida do Arcipreste mostra-se uma fraude, uma vez que ele mantém relações com uma mulher, apresentando uma conduta que não corresponde à esperada.

É interessante perceber que, ao conhecer Lázaro e saber que este almeja alcançar o bom porto, ele usa de suborno, oferecendo-lhe sempre que possível “una carga de trigo, por las Pascuas su carne, y cuando el par de los bodigos, las calzas

viejas que deja; e hizonos alquilar una casilla par de la suya.” (LAZARILLO, 1884, p. 64). Ora, sendo o objetivo do pícaro ter uma casa para dizer sua e ter uma vida confortável, não seria suborno a atitude deste homem da Igreja?

Dessa forma, podemos perceber que, durante sua trajetória, seus amos tiveram grande influência na formação do caráter de Lázaro. Considerando a ausência de bons ensinamentos e de um homem de bem em sua infância, vimos suas mudanças no comportamento, na forma de agir e de pensar no decorrer desta narrativa, definidas pelas adversidades que viveu ao lado de seus amos. Durante sua trajetória, o protagonista passou fome, quase veio a óbito em razão dela, iniciou-se na arte do furto e da malandragem, ainda que para sobreviver, e assumiu como verdadeira a ideia repassada a ele de que a aparência tem mais valor do que aquilo que o indivíduo é. O resultado disso, então, foi que Lázaro veio a aceitar uma esposa através da qual alcançou o almejado bom porto, ainda que soubesse ser ela o motivo de sua degradação moral.

4 ERASMO DE ROTTERDAM: a Igreja e sua importância na construção do indivíduo

Vivendo em meio a uma sociedade dominada pelos poderes da Igreja, o autor de *Lazarillo de Tormes* encontrou nesta sátira uma maneira de denunciar o abuso do poder, a falta de caráter e a corrupção que predominavam nessa instituição. Tomando por base a linha de pensamento erasmiana, o autor encontrou fortes referências nas obras de Erasmo, que vieram a fortalecer sua crítica social.

Como já sabido, a Igreja teve grande influência não só no âmbito religioso, mas também no social, político e cultural. Portanto, realizar uma crítica a uma instituição desse porte em pleno século XVI era um desacato. Entendemos, pois, a razão de uma obra como essa ter sido publicada de forma anônima, e relembramos que, logo após sua publicação, foi censurada e voltou a ser publicada na íntegra somente no século XVII. Para abordarmos a questão da Igreja nessa obra, precisamos ir além da participação corruptora dos anos que Lázaro teve. Primeiramente, devemos ter ciência de que a educação e o ensino durante essa época eram voltados aos jovens e adultos. No entanto, Erasmo de Rotterdam, ao tomar conhecimento da severidade com que os padres os tratavam, resolveu escrever um livro no qual destacava a importância do ensino desde a infância.

De Pueris – A Civilidade Pueril foi definida como um manual para corrigir e ordenar atitudes comportamentais desde a infância, defendendo a importância da harmonização da criança com os ensinamentos recebidos. É na introdução deste manual que encontramos as principais etapas para a instrução de uma criança.

(...) A arte de educar as crianças divide-se em diversas partes, das quais a primeira parte e a mais importante é que o espírito, ainda brando, receba os germes da piedade; a segunda, que ele se entregue às belas-letas e nelas mergulhe profundamente; a terceira, que ele se inicie nos deveres da vida; a quarta, que ele se habitue, desde muito cedo, às regras de civilidade. (ERASMO, 1978, p. 70)

Dada a ausência de alguém que pudesse repassar tais ensinamentos a Lázaro, haja vista a situação de seus progenitores, as sementes recebidas por ele não foram as da piedade – se dependesse da piedade dos outros, morreria de fome.

O ensinamento que recebeu da mãe nada mais era que o utilitarismo materialista, aconselhando-o a aproximar-se dos “bons” para que pudesse tirar algum proveito.

Tendo sido entregue ao cego ainda muito menino, aprendeu com ele que para driblar as adversidades encontradas no decorrer da vida era preciso ser astucioso, tendo em conta que, por vezes, agir com astúcia significava trapacear. Ligado à arte da astúcia, ensinou-lhe também a avareza e a manipulação – da fé alheia, nesse caso – em benefício próprio. Na companhia do clérigo, Lázaro encontrou o reforço da avareza interpretando-a como sendo universal, presente, principalmente, naqueles que deveriam servir como modelo de caridade.

Na sequência de sua formação, Lázaro foi inserido no teatro, mas não ao das belas artes, e sim ao que presenciava diariamente na convivência com seus amos, realizado por meio dos discursos e da (aparente) conduta deles. Como já é de nosso conhecimento, a maioria de seus amos tinha algum tipo de ligação com a Igreja e, por assim ser, esperava-se deles uma conduta exemplar. No entanto, no decorrer de sua narrativa, Lázaro deixa explícita a presença de muitas ações imorais dos eclesiásticos encontrada, por exemplo, na figura do frade.

Por meio do buleiro, podemos asseverar a presença da corrupção no clero ocorrida muitas vezes pela enganação dos fiéis – encontrada também na personalidade do cego. Isso reforça a necessidade da adulação, uma vez que o buleiro dava presentes aos padres nos lugares aonde ia pregar, e em troca estes o ajudavam a convencer os fiéis a comprarem suas bulas. No momento em que Lázaro passa a escolher seus amos, assumindo então uma postura mais ativa com relação a sua história, insere-se na fase dos deveres. Tendo como base o que aprendeu em sua trajetória, coloca em prática seu projeto de ascensão social. Isso o leva ao quarto princípio, segundo o qual ele deve habituar-se às regras de civilidade. Tendo em vista o aprendizado recebido pelos amos e o fato de não ter tido a oportunidade de aprender sobre essas regras, outro final não poderia ter o personagem senão a degradação moral, por meio da qual ele, ironicamente, chega ao bom porto. Sendo a picardia resultado de um ensinamento, podemos afirmar que a relação de Lázaro com seus amos foi fundamental para que este chegasse a ela. Considerando-se a presença constante de eclesiásticos nessa trajetória, seria errado afirmar que eles foram ainda mais influentes que os demais amos? Ora, as principais artimanhas praticadas pelo pícaro foram ou aprendidas ou aprimoradas na companhia deles.

A política repressora, e a atitude corrupta e corruptora dos membros da Igreja Católica levaram Erasmo a produzir uma crítica irônica, porém direta e objetiva, aos costumes pregados por essa instituição durante o final do século XV e início do século XVI; sua crítica estendia-se também à sua sociedade. Ao produzir *Elogio da Loucura*, almejava fornecer por meio de uma deusa metafórica de nome “Loucura” uma nova visão eclesiástica bem como reformular o sentido da Igreja apresentando à sociedade seu reflexo. Além disso, satirizava também a predominância do “parecer” sobre o “ser”.

Não existe em mim simulação alguma, mostrando-me eu por fora o que sou no coração. Sou sempre igual a mim mesma, de tal forma que, se alguns dos meus sequazes resumem não passar por tais, disfarçando-se sob a máscara e o nome de sábios, não serão eles mais do que macacos vestidos de púrpura, do que burros vestidos com pele de leão. Qualquer, pois, que seja o raciocínio feito para se mostrarem diferentes do que são, dois compridos orelhões descobrirão sempre o seu Midas. (ERASMO, 2002, p. 17)

Como já é de nosso conhecimento, Erasmo viveu parte de sua vida em um convento, foi ordenado padre e, além do contato que teve com padres, bispos, papas, reis e cardeais, era bem quisto por eles, chegando a ser consultado para a tomada de algumas decisões. Assim, quando resolveu escrever essa obra, ele usou como base a experiência obtida nessa convivência, defendendo a sua posição de que essas pessoas eram especialistas em buscar nos velhos pergaminhos passagens que pudessem intimidar os fiéis, remodelando os textos sagrados e valorizando sua performance, acima da função das orações.

Santo Deus! observai como gesticulam, como são mestres em modular a voz, como cantam, como se remexem, como ficam senhores do assunto, como fazem retumbar toda a igreja com os seus socos e os seus berros. É no silêncio do claustro que eles apreendem essa veemente maneira de evangelizar, que passa de um fradeco a outro como um segredo de suma importância. (ERASMO, 2002, p. 46)

A utilização da fé em bem próprio era uma questão recorrente na sociedade daquela época. Portanto, quando *Lazarillo de Tormes* foi redigido, denunciou uma Igreja que se aproveitava da boa vontade e da fé das pessoas para manter seu bem estar, agindo de forma duvidosa por meio de enganações e mentiras. Com um bom domínio da palavra e novamente demonstrando a importância da aparência, os

eclesiásticos conseguiam manter a atenção dos fiéis, mesmo que muitas vezes não tivessem conhecimento do que proferiam.

Tal situação pode ser claramente encontrada nas figuras do cego, do buleiro e também do arcepreste. Quanto aos dois primeiros, nenhum deles era um membro direto da Igreja; eles abusavam da boa fé das pessoas para tirar-lhes dinheiro. O cego pregava e fazia adivinhações, e o buleiro forçava os demais a comprarem suas bulas fingindo que faziam milagres; como já é sabido, este último recebia o apoio de padres, frades e clérigos em troca de presentes, ou seja, passando por cima dos demais em benefício próprio.

O arcepreste, apesar de sua ligação direta com a Igreja, mantinha um relacionamento com sua criada, com a qual Lázaro se casou. No entanto, não abandonava seu posto eclesiástico, pois sabia que ao mantê-lo, continuaria a desfrutar de todos os benefícios concedidos pela Igreja – o bem comer, beber e viver.

Por meio dessas críticas, podemos compreender que Erasmo buscava realizar uma renovação da fé católica, que há muito vinha sendo corrompida. Sendo um homem fiel à sua religião, encontrou em suas denúncias uma maneira de lutar contra a corrupção que tomava conta não apenas da Igreja, mas também da sociedade em que vivia.

Embora aborde o mesmo assunto, a obra anônima *Lazarillo de Tormes* não foi publicada com a mesma intenção. Durante sua narrativa, não nos deparamos com uma passagem em que o autor busque por uma forma de acabar com a situação em que se encontra – nem através do protagonista, tampouco através dos eclesiásticos. Os personagens que têm ligação com o clero seguem suas vidas por meio da corrupção, sem que Lázaro descreva uma única passagem na qual eles sofram – ou devam sofrer – alguma punição por tais atitudes. Contrariamente, ele demonstra comodismo, pois, assim como os eclesiásticos, também almeja uma vida confortável, independentemente da maneira de alcançá-la.

Ora, Lázaro foi corrompido, isso é um fato. No entanto, deixou-se corromper com a finalidade de tornar-se um homem de “honra”. Esse fato serve como confirmação de que o “parecer” é mais valorizado nessa sociedade do que o “ser”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discorrer sobre a trajetória de Lázaro, foi possível perceber que nem ele, nem seus amos – apesar de terem ligação com a Igreja – se encontram alinhados às premissas católicas do século XVI, cujas características nos são contemporâneas. A influência dos pensamentos de Erasmo de Rotterdam, associados a uma forte corrente satírica, resultou em uma obra prima. Como é possível que em tão poucas páginas nos deparemos com tantas denúncias, repletas de ironia?

Dessa forma, ao realizarmos um estudo acerca das obras de Erasmo de Rotterdam, foi possível concluir que o autor de *Lazarillo de Tormes* encontrou nas obras de Erasmo embasamento para defender seu ponto de vista. Através das leituras realizadas e tendo em vista a influência de Erasmo no âmbito religioso, podemos afirmar que encontramos em suas obras críticas voltadas não à crença divina, mas sim às atitudes daqueles que pregavam a palavra de Deus. Na narrativa de Lázaro também nos deparemos com essa situação: um homem que critica as ações corruptas de pessoas que fazem mau uso da fé alheia, denunciando a frequente ocorrência disso nessa sociedade.

Com relação à autoria e à publicação da obra, foi possível concluir que o recorrente questionamento sobre suas datas ainda hoje é uma questão difícil de ser resolvida. A ausência de informações temporais na narrativa, bem como o anonimato de sua autoria, torna ainda mais difícil compreendermos em que momento histórico ela foi produzida. Francisco Rico (1988) acredita na hipótese de que ela foi publicada de forma anônima, porque para a sociedade da época é o próprio protagonista quem está contando sua história. Segundo Rico (1988), como é um desclassificado que conta sua própria história, ela perderia a verossimilhança se outro nome aparecesse como “autor” na capa.

Por conseguinte, o autor manteve resguardada a sua identidade, prevenindo-se, então, das “[...] possíveis consequências da publicação de uma obra que denunciava mordazmente a corrupção social da época. Sobretudo quando essas denúncias atingiam em cheio o clero.” (GONZÁLEZ, 2005, p. 193)

Em relação à estrutura da narrativa analisada no segundo capítulo do presente trabalho, sabemos que o romance picaresco tem como principal característica um relato autobiográfico – narrador-protagonista – que discorre sobre

as desventuras de um personagem de condição humilde, o qual realiza trapaças para sobreviver, pensando e agindo de forma egoísta para alcançar o bom porto. Assim, concluímos, após a análise de *Lazarillo de Tormes*, que sua estrutura e suas características correspondem às características desse estilo literário, o que comprova que essa obra é precursora da picaresca. Importante também é ter ciência de que um romance picaresco é tomado por um intenso sentido de sátira social que, assim como nessa obra, “[...] visa os mecanismos de ascensão social válidos numa sociedade que rejeitava por princípio os valores básicos da burguesia e na qual o parecer prevalecia nitidamente sobre o ser.” (GONZÁLEZ, 2005, p. 202)

Outro fator importante para essa confirmação se dá pela necessidade de o protagonista se manter em constante movimento, pois é por meio dessas andanças que o jovem Lázaro vê seu caráter ser constituído. A maneira como a obra foi organizada acaba por legitimar o comportamento individualista ao mesmo tempo em que realiza uma denúncia da sociedade pela qual Lázaro peregrina.

No terceiro capítulo, ao realizarmos uma explanação sobre a presença dos amos que passaram pela vida Lázaro enfatizando aqueles que tinham alguma ligação com a Igreja, percebemos que tanto o cego, quanto o clérigo, o frade, o buleiro e o arcipreste tiveram grande influência na formação do caráter do protagonista. Levando em consideração suas posições, era de se esperar que suas ações servissem como um bom exemplo a ser seguido pelos demais. No entanto, deparamo-nos com atitudes mesquinhas e individualistas, as quais quase levaram Lázaro à morte pelo menos duas vezes.

Conforme afirmamos anteriormente, uma das características do pícaro é a falta de caráter. Assim, Lázaro não podia ser diferente, porém seu caráter foi sendo moldado ao longo da estadia com seus amos. Com o cego, Lázaro aprendeu a arte de trapacear, uma vez que essa era a única forma que encontrava para se alimentar, dada a avareza de seu primeiro amo. No decorrer de sua trajetória, durante convivência com seus amos, acabou por aperfeiçoar essa arte, além de aprender novas artimanhas. Foi também na companhia desses homens de Deus que Lázaro aprendeu a ser individualista, a usar da adulação para conquistar o espaço que desejava e a tirar proveito da fé alheia em benefício próprio.

Tendo em vista que Lázaro não presenciou em sua infância um bom exemplo de “honra”, seu caráter foi construído de acordo com as adversidades por ele

enfrentadas. Além disso, ele foi corrompido pela influência negativa que encontrou na companhia de seus amos.

No último capítulo deste trabalho, foi possível confirmar que a crítica à Igreja não ocorreu somente em relação à presença dos amos na trajetória de Lázaro, mas também aos ensinamentos recebidos desde a infância. Segundo Erasmo (1978), o indivíduo deve ter acesso a uma boa educação desde criança, situação contrária à que encontramos em *Lazarillo de Tormes*. Proveniente de família humilde, foi condicionado a viver servindo a diversos amos e, como é de nosso conhecimento, os que tiveram maior influência em sua formação foram aqueles que, de alguma forma, estavam ligados à Igreja.

Dada a liberdade de interpretação adquirida pelo leitor quando de sua leitura, (GONZÁLEZ, 2005) podemos interpretar a atuação dos “homens de Deus” como corrupta e também corruptora: é corrupta quando usam a fé alheia para tirar-lhes dinheiro, e corruptora quando abusam de outras pessoas, ensinando-lhes a agir de maneira semelhante à sua a fim de beneficiar-se. Ademais, no decorrer da narrativa nos deparamos com o fato de que esses homens foram os que introduziram Lázaro às artes da malandragem ou aprimoraram o conhecimento já obtido.

Além disso, foi possível perceber que, na sociedade em que Lázaro vivia, a aparência era mais valiosa que o caráter do homem. A manipulação da fé em benefício próprio permitia aos homens, mesmo aos que nada eram, repassarem uma imagem de um homem de bem, que pregava o amor ao próximo, mesmo agindo de forma contrária.

Apesar de terem sido escritas há pelo menos quatro séculos, a questão abordada em ambas as obras se mantém muito atual nos dias de hoje. O hábito de se aproveitar da fé das pessoas em benefício próprio é questão recorrente em nosso cotidiano.

A instituição Igreja há muito tempo vem sendo utilizada como fonte de dinheiro, poder e manipulação. No entanto, durante o período em que foram escritas essas obras, a manipulação se dava porque as pessoas não tinham acesso ao conhecimento, tendo em vista que quem o dominava era quem coordenava o povo – padres, frades, sacerdotes, reis, príncipes.

Por outro lado, hoje quem se permite manipular o faz por escolha, pois prefere acreditar, por exemplo, na ideia de que se contribuir com o dízimo e ofertas durante as missas, terão seus rendimentos multiplicados; a multiplicação

deles, porém, é apenas uma promessa. Ora, e não era com promessas que trabalhavam o cego e o buleiro? O cego prometia que adivinharia o sexo do bebê ou ainda realizava uma oração com a promessa de fazer com que o marido tratasse bem sua mulher. O buleiro, por outro lado, realizava com a ajuda de um aguacil uma cena digna do teatro, na qual este aparecia com um problema e aquele, com a promessa de resolvê-lo, cedia-lhe uma bula.

A eterna promessa de que “se realizar uma graça, receberá a recompensa” vem transformando o valor dado ao uso da palavra divina, tornando-a utilitária, com o objetivo único de autorrealização. Novamente nos deparamos com a confirmação de que o individualismo é um ato recorrente desde o período medieval, com um aprimoramento da maneira como se pretende usá-lo.

Atualmente, ao fazer o pagamento do dízimo e doar dinheiro durante o chamado “ofertório” realizado durante as missas, o homem espera receber sua recompensa. Mas sabendo-se que o ato de dízimar é um regimento bíblico, não seria errado agir dessa forma? Não seria este um ato motivado pela ganância e pelo egoísmo? Se sim, em que se diferem os fiéis e sacerdotes de hoje com os do século XVI?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ERASMO. **A Civilidade Pueril**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

_____. **O Elogio da Loucura**. Curitiba: Editora Atena, 2002.

GODOY, Eduardo. **Lazarillo de Tormes**: Edición aumentada y corregida. Santiago: Editorial LOM, 2005.

GONZÁLEZ, Mario. **O romance picaresco**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

_____. Narrador, Leitores e Romance no *Lazarillo de Tormes*. In: ANPOLL. **Anais do V Encontro Nacional da ANPOLL**. Porto Alegre: ANPOLL, 1991.

_____. Introdução. In: **LAZARILHO de Tormes**. Ed. de Medina del Campo, 1554; organização, edição do texto em espanhol, notas e estudo crítico de Mario M. González; tradução de Heloísa Costa Milton e Antonio R. Esteves. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. Estudo crítico. In: **LAZARILHO de Tormes**. Ed. de Medina del Campo, 1554; organização, edição do texto em espanhol, notas e estudo crítico de Mario M. González; tradução de Heloísa Costa Milton e Antonio R. Esteves. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. **A saga do anti-herói**: estudo sobre o romance do picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

PEDROSA, José Manuel. In: **Analecta Malacitana**. Revista De La Sección De Filología De La Facultad De Filosofía Y Letras, XXXVI Edición. **Los zapatos rotos del Lazarillo de Tormes**. Málaga: Universidad de Málaga, 2013.

RICAPITO, Joseph. **La vida de Lazarillo de Tormes y sus fortunas y adversidades**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.

RICO, Francisco. La prínceps del Lazarillo. Texto, capitulación y epígrafes de un texto paródico. In: **Problemas del “Lazarillo”**. Madrid: Cátedra, 1988.

MENDOZA, Diego Hurtado de. **Lazarillo de Tormes**: un estudio crítico. Paris: Librería de Garnier Hermanos, 1884